



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v16i32.6335>

DA VONTADE DE POTÊNCIA À SITUACIONALIDADE: O CORPO EM NIETZSCHE E JUDITH BUTLER

*De La Volonté De Puissance À La Situationalité :
Le Corps Chez Nietzsche Et Judith Butler*

Igor Carvalho da Silva¹
Janielson Ferreira da Silva²

RESUMO

O presente artigo analisa a constituição histórica da noção de corpo na tradição filosófica ocidental, marcada pela supremacia da razão e pela consequente desvalorização do corpo. Parte-se da herança platônica, especialmente no Fédon, passando pela tradição cristã em Paulo, Tertuliano e Agostinho, que privilegia a alma e associa o corpo ao erro e à corrupção. Essa perspectiva estende-se à filosofia moderna, notadamente em Descartes, cuja metafísica reforça a suspeita sobre o corpo enquanto fonte de conhecimento. À luz da crítica nietzschiana, tal tradição é compreendida como expressão de uma metafísica da substância, da essência e da identidade fixa, que aprisiona o corpo em modelos normativos. Em contraste, o artigo examina como Nietzsche propõe o corpo como campo de forças, processo e devir. Na contemporaneidade, Judith Butler radicaliza essa intuição ao conceber o corpo e a identidade como efeitos performativos da repetição de normas. Assim, busca-se aproximar a noção nietzschiana de corpo do conceito butleriano de performatividade, evidenciando um deslocamento crítico da metafísica para uma compreensão dinâmica e histórica do corpo.

Palavras-chave: Corpo; Nietzsche; Judith Butler; Performatividade; Metafísica.

RÉSUMÉ

Le présent article analyse la constitution historique de la notion de corps dans la tradition philosophique occidentale, marquée par la suprématie de la raison et la dévalorisation conséquente du corps. Il part de l'héritage platonicien, notamment dans le Phédon, puis examine la tradition chrétienne chez Paul, Tertullien et Augustin, qui privilégie l'âme et associe le corps à l'erreur et à la corruption. Cette perspective se prolonge dans la philosophie moderne, en particulier chez Descartes, dont la métaphysique renforce la méfiance à l'égard du corps comme source de connaissance. À la lumière de la critique nietzschéenne, cette tradition est comprise comme l'expression d'une métaphysique de la substance, de l'essence et de l'identité fixe, qui enferme le corps dans des modèles normatifs. En contraste, l'article examine la manière dont Nietzsche conçoit le corps comme champ de forces, processus et devenir. Dans la contemporanéité, Judith Butler radicalise cette intuition en pensant le corps et l'identité comme des effets performatifs de la répétition des normes. Ainsi, il s'agit de rapprocher la notion nietzschéenne du corps du concept

¹ Graduando em filosofia pela UFPI, bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: igorenem2000@gmail.com

² Graduando em filosofia pela UFPI, bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: ferreirajanielson61@gmail.com



butlérien de performativité, en mettant en évidence un déplacement critique de la métaphysique vers une compréhension dynamique et historique du corps.

Mots-clés : Corps ; Nietzsche ; Judith Butler ; Performativité ; Métaphysique.

INTRODUÇÃO

Apresentar como o pensar o corpo que está carregado pela herança do peso da razão em prol do corpo, que foi levado ao descrédito, Platão na Fédon no período da Grécia antiga, apóstolo Paulo, Tertuliano e Santo Agostinho na qual a religião privilegia a alma e demoniza o corpo. A ciência moderna que seguia essa descrição do corpo, apresenta descrença das informações adquiridas pelo corpo. Meditações de Descartes. Essas abordagens dentro do quadro da crítica nietzschiana. Ou seja, o corpo preso em uma metafísica da substância, da ideia de essência ou identidade fixa, um modelo.

Sendo combatido na contemporaneidade observamos que correntes de pensamentos que tanto Nietzsche expõe essa condição do corpo preso a esse molde milenar e que quanto Butler oferecem um rompimento com esse movimento de ordem dogmática não só chegando no comportamental, mas também no cognitivo, em um modo de pensar o corpo como processo, devir e performatividade.

Observando a questão central que se volta neste trabalho é uma observação sobre a noção de corpo em Nietzsche como estando relacionada da ideia de performatividade como citacionalidade em Butler, para notarmos como pode ser relida à luz do pensamento butlerneano, uma um movimento de contemporaneidade. Desse modo, poderemos tentar contemplar o movimento de Butler que em sua filosofia prática radicaliza uma intuição nietzschiana, o corpo como campo de forças e repetições, ao pensar a identidade como um efeito performativo da repetição de normas, como a tradição filosófica racional socrática.

O CORPO: FORÇA, INTERPRETAÇÃO E DEVIR

É nos colocando em contato com o pensamento nietzschiano sobre o corpo, que se capilarizado em suas obras, identificamos como fez o alemão filósofo, de movimento pouco



convencional, observa positivamente o fisiologismo e o descrédito que mais de dois milênios foi desacreditado pelas críticas dos valores morais e epistemológicos levados ao sujeito com a crença no desenvolvimento que chegaria a um Eu ideal e racional. Em sua primeira obra, publicada em 1872, *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche inicia suas críticas à cultura racional tão bem firmada ao longo da história da filosofia. Para cumprir esse grande movimento filosófico, Nietzsche se lança sobre o ponto que tange ao socratismo racional no período antigo se estendendo até a moderna, que seguindo o pensamento do parteiro das ideias, como ficou conhecido seu modo filosófico socrático, privilegia excessivamente a razão e a ciência, o método, o modelo, em detrimento da arte e da experiência.

Essa perspectiva ramifica-se ainda na filosofia pós-Sócrates: para evidenciar como ecoa a bandeira erguida por Sócrates, recorre-se ao diagnóstico de Nietzsche sobre a herança da hipervalorização da razão em René Descartes (1596–1650), autor de *Discurso do Método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (1997), obra que marca o início da filosofia moderna e o enraizamento do racionalismo, para o qual a razão se torna critério fundamental do sujeito e o corpo que é negado como condutor de conhecimento. Outro pensador que segue esse padrão é o iluminista Immanuel Kant (1724–1804), cuja formulação do Imperativo Categórico foi vista por Nietzsche como uma domesticação dos instintos e corte para caber em uma moral. Essa visão alinha, portanto, filosofias de Sócrates/Platão, Descartes e Kant, todos empenhados em consolidar a figura de um Eu ideal que segue uma norma moral universal metodológico, que, ao valorizar a razão como princípio supremo, submete os instintos à suposta superioridade da racionalidade: “Existe incontestavelmente, desde que há filósofos na terra, e em toda parte onde houve filósofos [...] peculiar irritação e rancor dos filósofos contra a sensualidade.” (Nietzsche, 1998, p. 96).

Essa perspectiva ramifica-se ainda na filosofia: para evidenciar como ecoa a bandeira erguida por Sócrates, recorre-se ao diagnóstico de Nietzsche sobre a herança da hipervalorização da razão em René Descartes (1596–1650), autor de *Discurso do Método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (1997), obra que marca o início da filosofia moderna e o enraizamento do racionalismo, para o qual a razão se torna critério fundamental do sujeito. Outro pensador que segue esse padrão é o

CADERNOS PET, V. 16, N. 32 ISSN: 2176-5880



iluminista Immanuel Kant (1724–1804), cuja formulação do Imperativo Categórico foi vista por Nietzsche como uma domesticação dos instintos por essa longa afirmação em um modelo de sujeito. Essa visão alinha, portanto, filosofias de Sócrates/Platão, Descartes e Kant, todos empenhados em consolidar a figura de um Eu ideal que segue uma norma moral universal metodológico, que, ao valorizar a razão como princípio supremo, submete os instintos à suposta superioridade da racionalidade.

Nietzsche rompe com essa modalidade de ser e a dualidade corpo/alma, invertendo a hierarquia: o corpo é o centro da experiência e da criação de sentido, algo que antes era negado enquanto a valorização da razão/alma era centralizada como base como se encontra na literatura filosófica. Desse modo, a filosofia nietzschiana no que diz respeito ao corpo como condutor de conhecimento, como é explicitada na explicação do professor Miguel Ángel de Barrenechea, em sua obra *Nietzsche e o corpo como fundamento do humano*. Segundo ele corroborando com Nietzsche afirma que: “o corpo inteiro pensa” (2009, p. 109). Ao afirmar essa posição do corpo como fundamento dos processos antes atribuídos à alma, instância contrária ao corpo, Barrenechea corrobora o que Nietzsche afirmou em *Assim falou Zaratustra* (2018), quando diz que o corpo seria uma “grande razão”. Nesse sentido, o corpo é campo de interpretações, vontade de potência, multiplicidade de forças em luta.

UMA RELEITURA SOBRE O CORPO E SUAS CAPACIDADES

Indo em direção contrária ao que se encaminha a tradição filosófica, e contra as críticas aos filósofos que dirigiam críticas contundentes, ao corpo não é favorável ao erro, ao pecado, nem é apenas recipiente para a alma. Essas características lançadas sobre o corpo foram, ao longo da obra nietzschiana, alvo de questionamento, dando lugar a uma concepção positiva: o corpo como meio de conhecimento, dotado de potencialidades que sustentam reflexões densas e instigantes. Os comentários do filósofo argentino Miguel Ángel de Barrenechea auxiliam no percurso de compreensão da proposta nietzschiana acerca do corpo. Em sua obra já citada, o autor exemplifica a crítica de Nietzsche à duplicação do mundo promovida por Platão em sua alegoria da caverna: “‘Ídolos’ ou ‘ideias’ são termos genéricos utilizados por Nietzsche para aludir às construções da metafísica, aos seus conceitos vazios apoiados exclusivamente na hipótese de um suposto



mundo do além: ‘Deus’, ‘imortalidade da alma’, ‘salvação’, ‘além’, puras noções às quais não dediquei atenção nenhuma [...]” (2009, p. 31–32). Tais termos, utilizados por Nietzsche, expõe como a tradição filosófica relega o corpo e o mundo sensível a um papel secundário, com desprezo e descrédito epistemológico. O próprio Barrenechea esclarece:

Na análise das imagens tradicionais do homem, Nietzsche nega que o espírito ou a razão estejam vinculados a uma origem ou a uma finalidade privilegiadas. O surgimento de uma atividade consciente provém apenas do acaso — a arbitrariedade de cada encontro de forças — que rege as mudanças de uma espécie desprovida de qualquer característica que possa ser considerada divina; o homem pertence integralmente à terra, como qualquer outra das espécies. (2009, p. 42).

As considerações do autor, que se atêm às críticas de Nietzsche, mostram como este denuncia o valor atribuído ao além-mundo e os ataques dirigidos ao mundo sensível. Essa nova visão sobre o corpo é recorrente nas obras do filósofo alemão. Em *Ecce Homo* (2008), por exemplo, obra de caráter autobiográfico, Nietzsche relata experiências corporais e formula observações filosóficas sobre o corpo como instância favorável ao conhecimento. Nesse livro, o corpo aparece não apenas como fonte subjetiva de experiências para filosofar, mas também como o próprio modo de pensar: um organismo, um “intestino”, mecanismo vital da ação de pensar, constituído por forças e instintos. Essa concepção inaugura uma valorização do corpo e de sua relação direta com o mundo, em contraste com a tradição moderna que apartou razão e sensibilidade, atribuindo ao homem racional o domínio do meio como se fosse uma espécie especial e separada. Nietzsche, ao contrário, afirma que sua filosofia nasceu de sua vida concreta, de suas experiências corporais, de suas doenças e de sua saúde, em confronto com a tradição que depreciava o mundo sensível e o corpo como fonte de conhecimento.

A CRÍTICA AO ALÉM-MUNDO EM NIETZSCHE

Em sua obra, Nietzsche critica a dualidade de mundos, presente tanto em Platão quanto no cristianismo, que marcou profundamente a cultura ocidental ao desvalorizar este



mundo e valorizar o outro. No que se refere ao cristianismo, lemos em *O Anticristo* (2007): “As pessoas erigem um conceito de moralidade, virtude, de santidade sobre essa falsa visão de todas as coisas. Elas argumentam que nenhum outro tipo de visão tem maior valor, uma vez que se fizeram sacrossantas em nome de ‘Deus’, assim como da ‘salvação’ e da ‘eternidade’” (2007, p. 14). Esses valores, alojados no mundo supracensível como se fossem os verdadeiros, conduziram a fortes críticas ao mundo sensível e ao conhecimento adquirido pela experiência do corpo, considerado enganoso e imperfeito.

Na tradição filosófica, esse tipo de conhecimento foi classificado como *doxa*, mera opinião ou crença, superficial e sujeita ao erro, por ser fornecida pelos sentidos. Platão, por exemplo, opunha à *doxa* a *episteme*, o conhecimento sólido, verdadeiro e fundamentado. Outro filósofo que desprezou o corpo foi René Descartes (1596–1650), um dos grandes racionalistas.

Em *Discurso do Método* (1973), afirma que os conhecimentos adquiridos pelos sentidos são enganosos, razão pela qual propõe o pensamento rigoroso como instrumento seguro para alcançar a verdade. O “eu” cartesiano, sujeito estável e racional, seria a garantia da *episteme*. Nietzsche, no entanto, contesta essa noção de unidade: o pensamento não prova a existência de um “eu”. O que há, segundo ele, é uma multiplicidade de forças e afetos em conflito. O corpo, nesse sentido, apresenta uma razão própria e uma pluralidade de impulsos, rompendo com o dualismo tradicional. Na mesma linha, Scarlett Marton, uma das principais pesquisadoras de Nietzsche no Brasil, em *Extravagâncias* (2000), destaca a crítica nietzschiana ao método cartesiano e à razão como instância suprema. Kant, outro expoente dessa tradição, via a razão como normativa e legisladora da moralidade, como afirma em *A Metafísica dos Costumes* (2017).

Nietzsche, ao contrário, percebe a continuidade de uma tradição que despreza o corpo. Marton comenta: “Lamenta-se por não poder nortear a vida por princípios tão seguros quanto os da geometria. É justamente por perseguir tal objetivo que escreve essa obra, o *Discurso do Método*, ‘para bem conduzir a própria razão e buscar a verdade nas ciências’” (Marton, 2000, p. 118).



Distante de considerar apenas a razão como instância de conhecimento, Nietzsche propõe uma nova interpretação: o corpo pensa, com inúmeros impulsos que não são regidos por uma única instância, como pretendiam Platão, Descartes ou Kant. A razão é apenas um desses impulsos, não o centro absoluto. Não há, portanto, uma unidade racional dominante, mas uma multiplicidade de forças em luta, em constante mudança. Como explica Barrenechea: “O corpo na ótica nietzschiana é caracterizado por três aspectos fundamentais: o dinamismo, a multiplicidade e o estabelecimento de relações hierárquicas entre impulsos que mudam sem cessar. [...] O corpo é uma ‘estrutura social dos impulsos e dos afetos’” (2009, p. 50). Essa concepção, que vê no corpo o centro dos processos vitais, contrapõe-se à tradição filosófica que, ao duplicar o mundo, desvalorizou o sensível. Para Nietzsche, o corpo participa ativamente do pensamento e da linguagem: “O corpo inteiro pensa e o que se torna consciência é apenas um tipo de pensamento, que se exprime em signos linguísticos. [...] Assim, Nietzsche afirma que toda ação do homem, decorrente de uma multidão de instintos em luta, é essencialmente desconhecida.” (Barrenechea, 2009, p. 109–110).

Essa chave de leitura reaparece em várias obras de Nietzsche, como *O Anticristo* (2007) e *O Crepúsculo dos Ídolos* (2006), onde o filósofo critica severamente a tradição que depreciou o corpo, atribuindo-lhe fraqueza, engano e feiura, em oposição à alma idealizada como portadora de Verdade, Beleza e Bem. Para Nietzsche, ao contrário, são os instintos corporais que fundamentam a vida e a filosofia. Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, ele denuncia a obsessão da filosofia pela Verdade como um desvio perigoso. É nessa valorização do corpo que se encontra o núcleo de sua filosofia: a afirmação da vida, da sexualidade e da força vital como potências criadoras, como se lê em *O que devo aos antigos*, especialmente nos itens 4 e 5. Para Nietzsche, a vida é celebrada na intensidade do corpo, mesmo frente à dor e à morte, pois é nele que reside o verdadeiro impulso do pensar e do existir.

O CORPO ÚTIL, A NORMA E A PRODUTIVIDADE: JUDITH BUTLER E A ECONOMIA DO RECONHECIMENTO



A análise de Judith Butler acerca do corpo desafia a concepção tradicional que o compreende como portador de uma essência natural ou como uma realidade pré-discursiva. Em obras como *Bodies That Matter* e *Excitable Speech*, Butler sustenta que o corpo não é apenas interpretado à luz das normas sociais, mas constituído como inteligível no interior de regimes específicos de poder, linguagem e reconhecimento. Nesse horizonte teórico, coloca-se uma questão fundamental: quais corpos importam? Ou, de forma mais precisa, quais corpos são reconhecidos como bons, válidos ou legítimos no interior da ordem social?

Essa problemática remete a uma economia normativa na qual o valor do corpo encontra-se estreitamente vinculado à utilidade, à funcionalidade e à produtividade. Butler argumenta que o reconhecimento corporal não opera de modo neutro ou universal, mas depende da capacidade de um corpo reiterar adequadamente as normas vigentes que regulam gênero, sexualidade, conduta e desempenho social (BUTLER, 2011). Assim, o corpo considerado legítimo não se define apenas pelo fato de existir, mas pela sua aptidão para funcionar, agir e responder às expectativas normativas que estruturam os campos social, econômico e simbólico.

Nessa perspectiva, o corpo “bom” é aquele que demonstra eficiência, continuidade e adaptação às exigências sociais de ação e contribuição. Tal concepção aproxima-se de uma lógica produtivista característica da modernidade tardia e do neoliberalismo, ainda que a análise de Butler não se restrinja a uma crítica econômica *stricto sensu*. O corpo normativamente reconhecido é aquele que age, produz e se expressa de maneira inteligível e constante. Em contrapartida, corpos dissidentes, adoecidos, precários, improdutivos ou não conformes tendem a ser marginalizados e estigmatizados, sendo frequentemente classificados como abjetos ou descartáveis (BUTLER, 1993).

A noção de performatividade, central no pensamento de Butler, não se limita à constituição do gênero, mas abrange as próprias condições de possibilidade do reconhecimento corporal. A repetição das normas não garante apenas a manutenção de identidades, mas sustenta a legibilidade social do corpo. Aquele que não consegue reiterar adequadamente essas normas, ou que falha nesse processo, corre o risco de perder seu estatuto de corpo válido e reconhecível. A utilidade, portanto, não se reduz a critérios econômicos, mas envolve também dimensões simbólicas e normativas que regulam a circulação social dos corpos.



Butler evidencia que essa exigência permanente de produtividade opera como uma forma de violência normativa. Não se trata de coerção explícita, mas de um regime de inteligibilidade que define previamente quais vidas são dignas de cuidado, proteção e luto. Em *Frames of War*, a autora radicaliza essa análise ao demonstrar que vidas não reconhecidas como produtivas ou úteis sequer são compreendidas como plenamente humanas, sendo excluídas do horizonte ético e político do reconhecimento (BUTLER, 2015).

Nesse contexto, a materialidade do corpo não pode ser entendida como um dado bruto ou natural, mas como o efeito reiterado dessas normas de utilidade e reconhecimento. O corpo ativo, capaz e funcional emerge como ideal regulatório, enquanto outras formas de corporeidade são interpretadas como falhas, desvios ou insuficiências. A concepção de um corpo ideal revela-se, assim, profundamente vinculada a uma ética normativa da performance contínua, na qual existir implica, em certa medida, produzir-se incessantemente.

Entretanto, como a própria Butler insiste, essa repetição nunca se realiza de forma plena ou perfeitamente bem-sucedida. A norma depende de sua constante reiterabilidade e é justamente nessa repetição que se manifesta sua fragilidade. O corpo que falha, que se desvia ou que repete de outro modo expõe o caráter construído da associação entre corpo, utilidade e valor. A improdutividade, nesse sentido, pode assumir um caráter crítico, ao revelar que o valor atribuído ao corpo não é natural, mas politicamente produzido.

Essa análise estabelece uma convergência significativa com a crítica de Friedrich Nietzsche à moral tradicional. Para o filósofo alemão, a moral ocidental opera como um mecanismo de domesticação do corpo, impondo valores que o enfraquecem e o submetem à culpa e à obediência (NIETZSCHE, 2007). De modo análogo, Butler diagnostica que a norma produtivista regula os corpos ao vinculá-los a critérios externos de valor e reconhecimento. Em ambas as abordagens, o corpo aparece como um campo de forças atravessado por normas, mas também como um espaço potencial de resistência e reconfiguração.

Desse modo, a crítica butleriana à utilidade do corpo não implica uma negação da ação ou da performance, mas uma repolitização da própria ideia de produtividade. Torna-



se, assim, indispensável questionar quem define o que é útil, produtivo ou valioso, bem como quais corpos são sistematicamente excluídos dessas definições. Ao deslocar o foco da essência para a norma, Butler desestabiliza a naturalização do corpo produtivo e abre espaço para pensar formas de existência corporal que escapam à lógica da funcionalidade.

O corpo deixa, portanto, de ser compreendido como mero instrumento a serviço da produção ou da norma, configurando-se como um locus de disputa ontopolítica. Um corpo que importa não é apenas aquele que produz, mas aquele que persiste em sua existência, mesmo quando essa existência contraria os padrões dominantes de utilidade. A insistência crítica da filosofia de Butler reside justamente nesse ponto: recolocar o corpo no centro das lutas contemporâneas por reconhecimento, dignidade e pela afirmação de vidas vivíveis.

REFERÊNCIAS

- BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2017.
- MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial; Barcarolla, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso (Cia. das Letras), 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é** (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.